



**A experiência do Centro de Educação Infanto-Juvenil Michele Carrara em Duque de Caxias-RJ na construção do conhecimento agroecológico**  
*The experience of the Centro de Educação Infanto-Juvenil Michele Carrara in Duque de Caxias-RJ in building agroecological knowledge*

SALLES DA COSTA, Luciana<sup>1</sup>; SOUZA, Jessica V.<sup>2</sup>; RIBEIRO, Laissa S.<sup>3</sup>; CARVALHO, Igor S. H.<sup>4</sup>

<sup>1</sup>UFRRJ (Bolsista CNPq), luterraruralina@gmail.com ; <sup>2</sup>CEIJ, jessicaviegasdesouza@hotmail.com ; <sup>3</sup>CEIJ, laissasantos091@gmail.com ; <sup>4</sup>UFRRJ, igorshc@ufrj.br

**RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR**

**Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico**

**Apresentação e Contextualização da experiência**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência do Centro de Educação Infanto-Juvenil Michele Carrara (CEIJ), com destaque para sua “horta florestal” e sua “feira sustentável”. Optamos por enquadrar nossa experiência no eixo temático “Construção do conhecimento agroecológico”, mas é importante dizer que as ações aqui relatadas também possuem estreita relação com outros eixos, como infâncias, gênero, agricultura urbana, saúde e economia solidária.

O CEIJ se localiza no bairro de Parada Angélica, município de Duque de Caxias-RJ, bem próximo da divisa com o município de Magé-RJ (distrito de Piabetá), Baixada Fluminense – que é conhecida nacionalmente por características negativas como pobreza e violência. O que é pouco divulgado são as boas iniciativas que acontecem nesse território que está dentro dos domínios da Mata Atlântica e abriga comunidades rurais e periurbanas dedicadas à produção agroecológica (ver, por exemplo, PINTO *et al.*, 2017; CARVALHO, 2021). O CEIJ foi fundado pela organização não-governamental Serviço de Educação e Organização Popular (SEOP), que atualmente compartilha a gestão da unidade escolar com a Água Doce Serviços Populares, sediada no distrito de Suruí Magé-RJ e ainda com professores e voluntários da comunidade.

O SEOP foi fundado em 1989 pelo teólogo da libertação Leonardo Boff e seu irmão, o educador popular Waldemar Boff. O SEOP procura “incentivar e apoiar a organização, educação e sustentação dos movimentos populares na construção de uma sociedade justa e democrática” (SEOP, 2023). Atua, com recursos de doadores europeus e da Fundação Novartis, nas periferias de Petrópolis e da Baixada Fluminense, mais especificamente nos municípios de Duque de Caxias, Magé, Belford Roxo, Nova Iguaçu e São Gonçalo (SEOP, 2023).

Em 1992, foi construído um centro de educação infantil para 40 crianças, e em 1996 foi construído um andar superior à creche para atividades com adultos, sobretudo jovens e mulheres. Em 2006 foi criada a entidade “Centro de Educação Infanto-Juvenil Comunitário Michele Carrara” com personalidade jurídica e diretoria



eleita por uma Assembleia Comunitária (SEOP, 2023). Assim, desde a década de 1990, o CEIJ Michele Carrara tem como atividades basilares o atendimento a crianças em contraturno escolar, onde oferta atividades diversas de alfabetização, reforço escolar e educação ambiental (Figura 1).

O apoio escolar funciona na parte da manhã, de 09:00 às 11:30, e à tarde, de 13:00 às 15:30, oferecendo três refeições – café da manhã, almoço e lanche da tarde. As crianças atendidas estão na faixa etária de três a 12 anos. As atividades desenvolvidas são diversas: plantio e colheita, artesanato com argila, brincadeiras com sementes, etc. A inspiração pedagógica destas atividades é a “alfabetização ecológica”, conceito usado por autores conhecidos internacionalmente, como Fritjof Capra, David Orr e Donella Meadows (STONE; BARLOW, 2006). As ações do CEIJ Michele Carrara visam melhorar aspectos sociais e ambientais em Parada Angélica, por meio de um trabalho junto aos moradores locais.

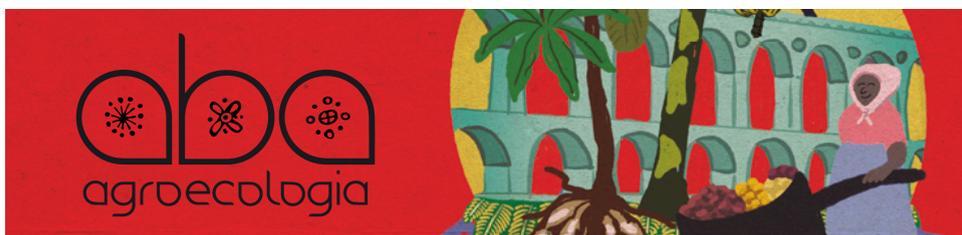
Figura 1: Fachada do CEIJ Michele Carrara.



Fonte: SEOP (2023).

## Desenvolvimento da experiência

Em 1995, o SEOP adquiriu uma área de aproximadamente um hectare para desenvolver atividades com jovens da comunidade em vulnerabilidade social. Esta área se tornou a Escola de Alfabetização Ecológica “Sítio Vila Esperança”, onde são oferecidos cursos, em especial para jovens e mulheres da comunidade, sobre o uso e o cultivo de ervas medicinais, por exemplo. Além da produção no próprio local, a Escola de Alfabetização Ecológica tem a proposta de estimular as famílias do bairro e redondezas a terem suas próprias hortas, através de troca de mudas e aulas em agroecologia. Atualmente, uma família agricultora reside no sítio, o que facilita sua manutenção e a produção permanente de alimentos. Existem no sítio: horta, árvores frutíferas, canteiros de plantas medicinais, galinheiro e a “Casa das Farinhas”, onde acontece o beneficiamento de remédios fitoterápicos. A Escola se tornou um laboratório para os/as professores e as crianças experimentarem práticas agroecológicas.



Entre 2020 e 2022, portanto, em plena emergência sanitária da Covid-19, a primeira autora deste artigo foi professora voluntária na Escola de Alfabetização Ecológica

“Sítio Vila Esperança”, onde cumpriu uma carga horária de 60h/mês e desempenhou atividades diversas, como: ministrar aulas teóricas e práticas para o cultivo de verduras, legumes, ervas medicinais e aromáticas, frutas e flores; informar sobre técnicas de plantio agroecológico e sugerir formas de controle alternativo de pragas e doenças; debater sobre tratamento do esgoto, da compostagem e da coleta da água de chuva; introduzir os conceitos básicos da Agenda 21 local e global; identificar nascentes d’água no entorno da Escola. Vale mencionar que a primeira autora deste trabalho é agricultora, filha de agricultora, licenciada em Educação do Campo e mestranda em Educação Agrícola. O último autor é seu orientador de mestrado, e as outras duas autoras são professoras do CEIJ Michele Carrara.

Dentre todas as atividades desenvolvidas no CEIJ, destacamos a implantação de uma “horta florestal” na Escola de Alfabetização Ecológica. Esta unidade produtiva começou a ser implantada no dia 14 de junho de 2021, com a passagem da roçadeira costal e em seguida recolhimento das palhas roçadas pelo tratorito. No dia seguinte, foram erguidos, com a terra revolvida, doze canteiros, tendo, cada um, seis metros de comprimento por um de largura. Nos valemos do princípio agroecológico (e também pedagógico, financeiro e filosófico) de privilegiar a utilização de matéria-prima local para a confecção dos canteiros, sendo tudo proveniente da própria Escola.

Considerando a horta florestal e ainda outras áreas da Escola, a diversidade de espécies é significativa: almeirão, alface (roxa, crespa, americana), cebolinha, coentro, salsa, mostarda, chicória, couve, couve-chinesa, taioba, tomate (comum, cereja e silvestre), berinjela, jiló, quiabo, pimentão, pepino, pimenta-dedo-de-moça, pimenta-malagueta, inhame, batata-doce, aipim, cenoura, caramoela, açafraão, chaya, beldroega, ora-pro-nobis, milho, feijão (preto, azuki, de-corda, guandu e caupí), fava-branca, hortelã, alfavacão, tansagem, erva-de-santa-maria, erva-de-são-joão, terramicina, etc. São mais de 70 espécies cultivadas na área.



Figura 2: “Horta florestal” implantada na Escola de Alfabetização Ecológica.



Fonte: acervo da autora.

O trabalho com a horta florestal se desdobrou na criação da “feira sustentável” do CEIJ Michele Carrara, que é definida, pelas suas idealizadoras, como um espaço de vínculos e troca de saberes, onde acontecem práticas como troca de mudas, troca

de sementes, venda da produção tirada da Escola e venda de produtos da comunidade. Assim, quem vai à feira sustentável do CEIJ encontra toda a diversidade de folhosas, tubérculos, frutas etc. produzidos no Sítio Vila Esperança, sem agrotóxicos; além de alimentos como bolo e empadinha, produtos como sabão ecológico e artesanatos de crochê trazidos por moradoras de Parada Angélica – no momento são quatro mulheres feirantes (Figura 2).

Segundo uma das professoras voluntárias entrevistadas, a ideia da feira surgiu para chamar atenção da comunidade sobre o trabalho realizado no CEIJ e na Escola de Alfabetização Ecológica, e acabou também dando oportunidade para mulheres da comunidade terem uma fonte complementar de renda. A professora destaca ainda o esforço das organizadoras da feira em diminuir o uso de sacolas e embalagens plásticas, a partir da confecção de embalagens com retalhos de tecidos, folhas de jornal e folhas de bananeira. É completa:

“Na feira eu aprendi a colher [...], aprendi um pouco pra quê cada erva medicinal serve, aprendi também o que é realmente sustentável [...] e a partir disso eu incentivei o pessoal a pesquisar mais um pouquinho o que é ser sustentável.”



Figura 2: Feira Sustentável do CEIJ Michele Carrara e as professoras voluntárias.



Fonte: acervo da autora.

## Desafios

Os desafios da iniciativa podem ser resumidos na fala de uma das professoras do projeto:

A maioria das crianças lá são muito necessitadas de afeto familiar e de incentivo. Então, quando a gente está lá, a gente dá muito carinho, sempre os incentivando a ter uma formação, a trabalhar com o que quer, com o que gostam. É isso que queremos que eles façam: cresçam, trabalhem e tenham suas famílias, e não acabem desperdiçando o que querem pra suas vidas, não entrando pra essa vida do crime.

Esta fala retrata bem o contexto local e regional onde se desenvolvem as ações do CEIJ Michele Carrara, e a diferença que tais ações podem fazer na vida de seres humanos marginalizados pela sociedade capitalista. Percebemos que as ações aqui relatadas têm contribuído para melhorar a vida das pessoas e da comunidade envolvida, mas que tais benefícios poderiam ser ampliados se estas ações se transformassem em políticas públicas permanentes.

## Principais resultados alcançados

Os resultados alcançados até o presente momento, com a experiência relatada, são diversos e tangenciam temas como: economia solidária, segurança alimentar, autonomia na promoção de saúde com plantas medicinais, melhoria da qualidade de vida de crianças e jovens, empoderamento feminino, construção do conhecimento agroecológico, fortalecimento da agricultura urbana.

Em primeiro lugar, verificamos que a experiência relatada busca respeitar a vida em sua plenitude, contribuindo para uma formação integral do ser humano, buscando superar a visão antropocêntrica, conforme nos ensina a Alfabetização Ecológica trazida por Waldemar Boff (2019). O processo endógeno, local e comunitário que



caracteriza a “feira sustentável”, a aproxima de uma típica experiência em economia ecológica e solidária.

As ações resultaram também num grande incremento da agrobiodiversidade urbana em Parada Angélica: listamos as mais de 70 espécies cultivadas na unidade produtiva, com destaque para a horta florestal. Ademais, mostramos que a experiência aqui relatada se desenvolve na periferia de uma das maiores regiões metropolitanas do mundo, o que reflete a diversidade de territórios e contextos nos quais se desenrolam as experiências de construção do conhecimento agroecológico. Vale destacar ainda que a Feira Sustentável reconhece as especificidades das mulheres trabalhadoras e suas formas de organização, as valorizando e as empoderando. Os espaços construídos coletivamente pelos sujeitos protagonistas das ações se configuram em verdadeiras “salas de aula” a céu aberto, onde práticas educativas formais dialogam diretamente com os conhecimentos populares, estabelecendo redes de troca de saberes importantes para a manutenção dos vínculos sociais e humanos.

Como ocorreram esses encontros de saberes? Por exemplo: a primeira autora, enquanto formada em Educação do Campo, consolidou uma horta florestal regida pelos princípios da agrofloresta. No entanto, até chegar ao modelo implantado, foram feitas reuniões abertas à comunidade, junto à equipe das organizações supracitadas. Nestes momentos, foram ministradas aulas teóricas sobre agroecologia, o que sempre rendia trocas de experiências práticas de homens e mulheres trabalhadores que ainda sabiam como lidar com a terra, resultando em momentos de aprendizados sobre a agricultura local, que é feita sobretudo por mulheres em seus quintais.

Outro momento de encontro de saberes, mas também de embate, se dava nos mutirões que eram feitos na horta florestal, abertos à comunidade e com a presença

da equipe das instituições. Havia questionamentos sobre os insumos (folhas e caules de bananeira) que estavam sendo usados; faltava entendimento sobre o propósito de uma floresta em consonância com uma horta; haviam dúvidas sobre o porquê consorciar espécies; e chegou a ser apontado como erro não manter a horta “limpa”, ou seja, sem cobertura do solo. Por fim, percebemos o quanto a experiência da Escola de Alfabetização Ecológica, bem como toda a experiência do CEIJ Michele Carrara contribui para a transformação social a partir da problematização da realidade, em especial no que concerne à promoção da soberania e segurança alimentar e nutricional e saúde integral, interligando produção e consumo de produtos ecológicos, com foco nas mulheres e nos jovens locais.

### **Disseminação da experiência**

A experiência relatada alcançou o envolvimento de famílias da comunidade Parada Angélica, em especial jovens e mulheres, o que indica a disseminação das ações. Sabemos, porém, que a luta por transformar tais ações em políticas públicas é um



caminho necessário para garantir uma disseminação mais abrangente dos benefícios alcançados. A realidade social, econômica e ambiental de Parada Angélica é bastante semelhante à de outras comunidades da Baixada Fluminense. Assim, as ações aqui relatadas possuem enorme potencial de replicação por toda a região.

## Referências

BOFF, Waldemar. **Alfabetização ecológica** – espaço de iniciação amorosa. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2019/04/30/alfabetizacao-ecologica-espaco-de-iniciacao-amorosaw-boff/>. Acesso em 13/05/2023.

CARVALHO, Igor S. H. **Agroecologia em Assentamentos da Baixada Fluminense**: territórios e resistências camponesas (Pesquisa de Pós-Doutorado – supervisor: Paulo Alentejano). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Formação de Professores, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo-RJ, 2021, 80p.

PINTO, Renata B. A.; CABRAL, Larissa A. S.; BILHEIRO, Livea C. R.; NEVES, Laisa S. S.; CASEMIRO, Juliana P. A horta comunitária como instrumento pedagógico para a segurança alimentar e nutricional. **Cadernos de Agroecologia** (Anais do II SNEA), Vol. 12, N° 1, Jul. 2017.

SEOP. Quem somos – Serviço de Educação e Organização Popular. Disponível em: <https://seop.org.br/>, acesso em 13/05/2023

STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia (orgs). **Alfabetização Ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.